

FITA VERDE NO CABELO: A RECEPÇÃO PELO JOGO POÉTICO DA IMAGINAÇÃO

Samantha Pires dos Santos/UNIMONTES

A escolha dos livros literários nas séries iniciais do ensino fundamental é sempre rodeada de dúvidas, riscos, e às vezes requerem do professor de literatura, além de sensibilidade, ousadia e persistência. A escolha passa pelo crivo cuidadoso dos coordenadores pedagógicos, pela intervenção dos próprios pais que, às vezes, ficam receosos com determinadas títulos, e pelo questionamento dos alunos, o que é muito importante para o êxito no trabalho com a literatura. Por isso, a escolha de “Fita Verde no cabelo” de Guimarães Rosa para ser trabalhado com alunos da 5ª série do Ensino Fundamental, ou 6º ano, constituiu desde o princípio um grande desafio e uma grande oportunidade.

Ao deparar-me com a edição do conto, feita pela editora Nova Fronteira especialmente para jovens, quis inseri-lo na lista de livros literários que adotariamos para o Ensino Fundamental, no ano de 2008, no Colégio Delta de Montes Claros. O livro *Fita Verde no cabelo* ganhou, em 1992, ano de seu lançamento o Prêmio Jabuti de Melhor Ilustração e Melhor Produção Editorial pela Câmara Brasileira do Livro, recebeu o Prêmio Adolfo Aizen da União Brasileira de Escritores e foi considerado altamente recomendável para os jovens pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Portanto, a partir dessas informações e do gosto pela estória de Fita Verde, percebi que não estava enganada em minha escolha. “Fita Verde no cabelo” é um dos contos do livro *Ave Palavra*, de 1970, embora tenha sido publicado primeiramente no jornal *O Estado de São Paulo* em fevereiro de 1964.

O conto é uma espécie de paráfrase de Chapeuzinho Vermelho no qual, segundo Sérgio Motta em *O engenho da narrativa e sua árvore genealógica*, “a magia dos contos de fadas é surpreendida pelo pragmatismo de uma ideologia recontextualizada, indiciando uma travessia do ideal para o real” (MOTTA, 2006). “Fita Verde no cabelo” pode ser interpretado por um viés existencialista e de intertextualidade em que a temática principal é o momento em que uma criança percebe que a vida em sua completude não exclui a morte.

Mesmo abordando uma temática mais realista e profunda, eu quis começar com os mais novos, pois eles, uma vez que não têm uma experiência estruturada com a literatura, trariam consigo menos pré-conceitos, além de geralmente se mostrarem mais receptivos a novas experiências. Sabia-se, desde então, que a escolha traria também muitos desafios e o mais delicado deles seria a apresentação do livro às crianças, o início da leitura. Esse ponto seria crucial para o sucesso do projeto de literatura: ler Guimarães Rosa. Seria necessário aplicar, com todo cuidado, um plano prévio de ação. Se a primeira impressão fosse decepcionante a experiência poderia tornar-se um fracasso. Por terem conhecimento da engenhosidade do texto rosiano, alguns colegas de trabalho mostraram-se receosos com a escolha. Tive de assumir um compromisso com a coordenação do Ensino Fundamental de que o livro seria lido e trabalhado somente em sala de aula, para que não houvesse problemas em relação ao seu entendimento por parte dos pais, na hora das tarefas ou das leituras feitas em casa, pois houve relatos de pais que afirmaram que não saberiam “explicar” aquele livro para os filhos se houvesse necessidade.

Em seu livro chamado *Como um romance*, um aliado para aqueles que trabalham com a leitura em sala de aula, Daniel Pennac (1997) afirma que: “Uma criança não fica muito interessada em aperfeiçoar o instrumento com o qual é atormentada; mas façais com que esse instrumento sirva a seus prazeres e ela irá logo se aplicar, apesar de vós.” (p.54) Influenciada pelas ideias de Pennac, minha intenção era tornar a leitura de *Fita Verde* um prazer, não um tormento. O melhor caminho seria, portanto, a imaginação, já que Rosa constrói sua narrativa em consonância com o poético. Caberia então conduzir a turma pelo viés da imaginação poética buscando aguçar seus sentidos, propor momentos de novas reflexões, jogar com o *nonsense*, brincar com palavras e significados.

A escrita de Guimarães Rosa é marcada por desvios sejam eles na sintaxe, no próprio modo de contar a estória, no engendramento de seus personagens, portanto, na forma com que lida com a linguagem. Os artifícios utilizados por ele mais parecem desconstruir o enredo do que seu contrário. O uso da imaginação e do livre pensamento, doa leveza aos momentos de leitura, leveza que reflete uma atmosfera lúdica. Essa prática estimula os sentidos do leitor e sua capacidade de expressão. No mesmo horizonte encontramos, em apoio, as ideias de Gaston Bachelard para quem, no entender de FRONCKOWIAK & RICHTER no ensaio *A poética do devaneio e da imaginação criadora em Gaston Bachelard*:

o maravilhamento proporcionado por uma imagem poética potencializa, na unidade do ser maravilhado, o aprofundamento de sua própria existência, gerando a repercussão. Esse aprofundamento, incognoscível em sua integridade, leva o devaneador ao desejo e à alegria múltipla de falar, atingindo, desse modo, as ressonâncias. (FRONCKOWIAK, 2007,p.60)

Levando em consideração esse pensamento e a vontade de ver se materializar a leitura de Guimarães Rosa com as crianças, o livro foi adotado, e de uma série de cinco títulos, *Fita Verde no cabelo* foi o terceiro livro a ser trabalhado.

Alguns alunos, é claro, como já se esperava, leram o livro com antecedência, por curiosidade, bem antes de se aproximar a data para darmos início ao trabalho. Com isso já explicitavam algumas inquietações e opiniões sobre o conto.

“Professora, eu não entendi nada desse livro.”

“Esse livro é igualzinho ao Chapeuzinho Vermelho!”

“Eu acho que esse cara é analfabeto.”

“É muito difícil de entender, professora”

Essas primeiras impressões foram bem diversificadas, mas deixei suas expectativas suspensas. Pedi para que relessem a história, que tivessem mais paciência e que ler Guimarães Rosa seria uma experiência diferente para eles. No mês de junho, iniciamos as rodas de leitura em sala de aula. Muitos alunos diziam já ter lido o livro em casa e falavam da não necessidade de se ler novamente. Mas minha insistência em lermos juntos os convenceu de que nossa leitura nos levaria a outras impressões sobre o livro. Antes de começarmos a leitura havia sempre um momento em que eu pedia para que a partir dali deixassem a imaginação tomar conta de nossa sala, que deixassem a poesia invadir nossos corações porque isso era a chave para enfrentarmos coisas surpreendentes, talvez imaginar o que nem conseguíssemos imaginar. Na primeira leitura, logo nos deparamos com o subtítulo: *nova velha estória*. Perguntei se imaginavam o que seria uma “nova velha estória”:

“é uma história que era velha e agora foi contada de novo, de outro jeito”

“É porque ele mudou a história de Chapeuzinho”

“É uma história que virou estória por causa da imaginação”

Procurei interferir o mínimo possível em suas respostas já que meu objetivo seria deixá-los discutirem a obra à maneira deles, com liberdade. Apenas conduzi as colocações de forma sutil, utilizando como elemento de análise a própria intervenção do aluno. O que ficou evidente é que logo no primeiro momento os alunos perceberam que apesar de a história ser tão curta, conseguimos discutir um bom tempo sobre o subtítulo. Daí começaram a perceber a importância da reflexão em Guimarães Rosa, e de uma forma muito natural, sem imposições, numa conversa entre leitores. Seguimos a leitura:

Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam.

No primeiro parágrafo do texto reparam no verbo *velhar*. Pedi que falassem sobre o verbo “velhar”. Alguém o conhecia? Já utilizaram esse verbo alguma vez? Por que os velhos “velhavam” nessa aldeia e não “envelheciam”? Mesmo sem ter certeza da existência do verbo foram desdobrando suas colocações acerca de possíveis significados para a inusitada palavra. Fizemos uma lista no quadro negro com os possíveis significados de velhar e os significados de envelhecer. Todos os sinônimos foram citados pelos alunos:

VELHAVAM	ENVELHECIAM
Faziam coisas de velho	Ficar velho
Rezavam	Ficar enrugado
Resmungavam	

Jogavam	
Xingavam	
Faziam tricô	
Contavam histórias	

A partir desse ponto, conversamos sobre a enorme carga significativa do novo verbo e percebemos que poderíamos citar muitas outras ações a partir dele. Os próprios alunos chegaram a conclusão de que “velhar” era um verbo muito mais eficiente e criativo para se falar dos velhos da aldeia de Fita Verde do que o verbo mais utilizado: envelhecer. Aproveitando a dedução dos alunos comentei sobre a atitude de Rosa diante da escrita, ou seja, pensar e repensar uma palavra para que seu significado se amplie e extrapole as noções comuns que temos sobre as palavras. Perguntei se alguém teria alguma idéia ou opinião sobre essa maneira diferente de escrever de Guimarães Rosa, segundo eles:

“Eu acho que ele é louco, professora”

“Parece um analfabeto”

“Eu acho que ele quer brincar com a gente”

“Eu acho que ele quer que a gente invente”.

Esclareci que essa postura é um grande diferencial no seu trabalho como escritor, pois lida artisticamente com as palavras e isso o torna um autor diferente e especial. Ao ouvirem que Rosa lida artisticamente com as palavras, que joga com seus significados, “vira e revira” as frases para inventar uma nova forma de contar histórias, vários alunos deram a entender que a partir dali haviam recebido uma chave para se ler Guimarães Rosa.

As últimas frases do depoimento são muito oportunas no sentido de dar ênfase à importância de se perceber o quanto a escrita de Guimarães Rosa exige a intervenção do leitor. O leitor precisa inventar, utilizar o pensamento e a imaginação. A obra só faz concretizar como objeto artístico a partir da fruição do leitor, ou seja, quando ele começa a fazer parte de sua escrita passando a ocupar vazios deixados por uma narrativa que mais esconde do que mostra, nunca se apresenta por completo. Nesse sentido, Wolfgang Iser afirma que:

A obra literária se realiza não na convergência do texto com o leitor; a obra tem forçosamente um caráter virtual, pois não pode ser reduzida nem à realidade do texto, nem às disposições caracterizadoras do leitor. Dessa virtualidade da obra resulta sua dinâmica, que se apresenta como a condição dos efeitos provocados pela obra. O texto, portanto, se realiza só através da constituição de uma consciência receptora. Desse modo, é só na leitura que a obra enquanto processo adquire seu caráter próprio. (ISER, 1996, p.51)

O fato de as crianças dizerem que Rosa “parece louco” é pela forma inusitada de sua escrita que se desvincula do padrão das narrativas habituais. Eles (os leitores) precisam lidar com os vazios dessa narrativa, com sua indeterminação, para que possam desfrutar integralmente de todos os lances que ela oferece. A leitura aqui não pode ser passiva, existe uma troca no ato de ler. A obra literária apresenta ao leitor sua estrutura e o convida o para o jogo da criação. Essa troca não é gratuita, é necessário transcender o pensamento habitual. A obra literária moderna convida o leitor à reflexão e assim, nesse jogo, fornece a chave para a invenção, para a recriação de sentidos. Ao recriar sentidos e pensar de forma não-convencional a criança se abre para a extrema liberdade proporcionada pelo devaneio que emerge das imagens poéticas. Para Luiz Costa Lima,

o texto ficcional possui dimensões semânticas, e dimensões do imaginário, sendo que esta última, pelo seu grau de imprecisão, não pertence à mesma natureza da primeira. Na ficção, o imaginário se entrelaça com a realidade e é superado pela determinação semântica na interpretação do texto, pois a interpretação tem por meta a constituição de sentido. Desse modo, a recepção amplia a interpretação, pois enquanto esta procura apenas semantizar o imaginário do escritor, aquela requer dos receptores capacidade para colocar em prática o próprio imaginário. É o imaginário que possibilita à ficção não ser idêntica ao que ela representa e sim ser apenas a “possibilidade de relacionar o representado a outra coisa,

diversa da que se dá a conhecer por sua formulação verbal”.
(LIMA, 1983, p.380)

Rosa, ao valer-se da história de Chapeuzinho Vermelho para tratar também do ciclo da vida, instiga os novos leitores, pois esses já possuem certa familiaridade com os contos de fadas, e adentram a nova narrativa com a sensação de confiança. A “nova velha estória” por sua vez o estimula e seduz de maneira extraordinária, em cada página o convite ao inesperado se entrecruza com o já conhecido, o que propicia o surgimento de uma nova postura de leitura. Nesse sentido, o imaginário propicia o alargamento das possibilidades cognitivas e por consequência de significação do texto.

Por outro lado, podemos recorrer novamente ao pensamento de Gaston Bachelard, filósofo que dedicou metade de sua obra a pensar o papel do imaginário na criação. Para ele,

a imagem poética não está submetida a um impulso. Não é o eco de um passado. É antes o inverso: pela explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa em ecos e não se vê mais em que profundidade esses ecos vão repercutir e cessar. Por sua novidade, por sua atividade, a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio. (BACHELARD, 1974, p.341)

Assim, trata-se menos de engendrar certa compreensão do livro, de ensinar a ver o que já vimos e queremos transmitir, mas, sobretudo, de suscitar o imaginário dos jovens leitores. Porque é o imaginário, despertado pelas fortes imagens poéticas do conto que propiciaram, através da repercussão que lhe é própria, o acesso a uma escrita que, de outro modo, poderia ser concebida como hermética ou difícil.

Parti, portanto, da livre manifestação dos meus alunos, encaminhando o trato com o texto de modo a manter o interesse pela leitura e, ao mesmo tempo, desenvolver junto aos alunos a capacidade de reconstruir a narrativa de Fita Verde.

Em *Fita Verde no cabelo* Guimarães Rosa aguça o imaginário do leitor infantil com a quebra da circularidade narrativa. Ao se deparar com frases como: “Todos com juízo suficientemente, menos uma meninazinha a que por enquanto”, o narrador frustra o leitor comum, pois coloca aí um ponto de indeterminação, ou seja, caberá à imaginação do leitor, por meio das indicações da própria narrativa dar sentido a esse “por enquanto” que caracteriza a protagonista. A narrativa segue e a cada trecho surgem novas surpresas: inversões sintáticas, neologismos, o *nonsense*, construções inusitadas, ou seja, um convite ao uso da imaginação.

Portanto, G. Rosa traz implícito um perfil de leitor que não difere daquele leitor ideal para suas outras obras. O leitor iniciante não deve ser privado das narrativas não-lineares, e de autores como Rosa ou Clarice Lispector, ao contrário, é a partir deles, também, que deve ser estimulado, pois essa intimidade com obras mais poéticas será adquirida naturalmente, numa troca lúdica entre autor, obra e leitor. Guimarães Rosa em toda sua obra invoca um leitor atuante, capaz de ir além da superfície da narrativa e como instrumento dessa nova prática a própria imaginação criadora. Como o leitor adulto, os pequenos leitores são conscientizados de que existe um mundo real no qual há coisas simples, como também há coisas complexas, como a morte e outros tantos sentimentos, e assim como é necessário a reflexão e o pensamento para atingir o todo ou quase – todo de uma obra literária, há que se ler a vida também e em seu “supra-senso”, como diz o próprio Guimarães Rosa. A vida, assim como o universo das histórias, também é povoada de mistérios, segredos, aventuras que aguardam para serem desvendados e vivenciados por eles.

Ao final do projeto, os alunos produziram um mini-dicionário de palavras inventadas, transformaram o conto “Fita Verde no cabelo” em imagens, narrando-o por meio de bonecos e cenários feitos com massa de modelar. Recriaram a aldeia, o caminho percorrido por Fita verde, o encontro com os lenhadores e finalmente o encontro com a avó. Inventaram também diferentes finais para Fita Verde no cabelo. Alguns deram-lhe finais felizes, outros levaram Fita Verde para a cidade grande; num outro final, na volta para casa, a menina conhece seu primeiro amor... São as ressonâncias do devaneador de que nos fala Bachelard, são resultados do encontro com a poesia e seu mundo povoado de imagens originais.

Em nenhum momento das etapas do trabalho com Fita Verde os alunos deram sinal de que não estavam envolvidos na leitura e no que se produziu a partir dela. Com isso, não pretendo aqui afirmar que a leitura de Guimarães Rosa atingiu a todos da mesma maneira, de que agora em diante todos os alunos das turmas que participaram da experiência com Fita Verde serão leitores de Guimarães Rosa, apesar de uma aluna estar lendo “Miguelim” depois de nossas aulas. Fica apenas a certeza de que para muitos foi uma experiência inesquecível, de troca de ideias, conversas estimulantes para ambos os lados, pois foi a partir delas que surgiu o desejo de mostrar ao público essa experiência. Fomos leitores de um mesmo livro que

inúmeras vezes nos fez pensar e repensar sobre os sentidos das palavras, sobre a forma de se contar uma história ou de inventar uma “estória” e o quanto de realidade podemos encontrar nelas. Rimos, jogamos com o livro e seu autor; emocionamo-nos com a forma sutil e poética com a qual Rosa fala da morte da avó de Fita Verde. Imaginamo-nos sendo aquela menina sonhadora que estava prestes a encarar a realidade pela primeira vez, pois estava crescendo, e a roda da vida continuava girando. O mais importante é que passamos por Rosa sem medo, sem traumas, embalados por sua escrita poética fomos parceiros do autor ao termos de reinventar, muitas vezes, significados antigos para darmos novos sentidos ao texto; fomos parceiros e discípulos de Rosa na criação. Fizemos arte com palavras, poetizamos, criamos novos caminhos para se ler, não só o livro, mas também a vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Editora Abril/Vitor Civita, 1974. Col. Os Pensadores.

FRONCKOWIAK, Ângela, RICHTER Sandra. A poética do devaneio e da imaginação criadora em Gaston Bachelard. In: FRITZEN, Celdon, CABRAL, Gladir S. (orgs). *Infância: imaginação e educação em debate*. São Paulo: Papyrus, 2007.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura - uma teoria do efeito estético*. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996. 2 vol.

JAUSS, Hans Robert *et alli*. *A literatura e o leitor*. Trad. e coord. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KHÉDE, Sonia Salomão. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. São Paulo: Ática, 1990. Série Princípios

LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, 2 vol.

MOTTA, Sérgio Vicente. *O engenho da narrativa e sua árvore genealógica: das origens a Graciliano Ramos e Guimarães Rosa*. São Paulo: UNESP, 2006.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Tradução Leny Werneck. São Paulo: Rocco, 1997.

ROSA, João Guimarães. *Fita Verde no Cabelo: nova velha estória*. São Paulo: Nova Fronteira, 1992.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da literatura*. São Paulo: Ática, 1989. Série Fundamentos